

“A água é capaz de engolir muito passado”: um jogo de memórias associado a Alqueva¹

“Water Can Swallow a lot of Past:”
A Game of Memories Regarding Alqueva

MARIA DO SAMEIRO PEDRO

BÁRBARA ESPARTEIRO

ANA PIEDADE

Instituto Politécnico de Beja

Portugal

sameiro@ipbeja.pt

barbara.esparteiro@ipbeja.pt

alavado@ipbeja.pt

(Recibido: 28-07-2016;
aceptado: 23-09-2016)

Resumo. A formação do leitor é um processo complexo. Todo leitor lê o mundo, dependendo da sua capacidade de construir e partilhar memórias. Explorando o tema da água, este ensaio tem por objeto principal a leitura de *O que vêς dessa janela?*, livro com texto de Isabel Minhós Martins e ilustrações de Madalena Matoso (EDIA/ Museu da Luz, 2011). É esta uma narrativa sobre a história recente da Aldeia da Luz, que foi totalmente reconstruída num local que colocasse as suas gentes ao abrigo da inevitável submersão provocada pelo enchimento da albufeira do Alqueva. Na sua leitura estão envolvidos temas como passado / futuro, memória / descoberta / mudança, medo / aventura / sedução, partida / perda / reconquista. A propósito da leitura de *O que vêς dessa janela?* serão exploradas atividades didáticas que envolverão igualmente outros textos, quer de tradição oral quer de autor.

Palavras – chave: *memória; tradição oral; narrativa; compreensão leitora.*

Abstract. Becoming a reader is a complex process. Every reader reads the world, meaning that memories might be built and shared. Through the analysis of *O que vêς dessa janela?* (text —Isabel Minhós Martins, illustration— Madalena Matoso), we will follow the path of a story about a recent societal change. *Aldeia da Luz* had to be moved as its location was about to be flooded following the construction of a large dam, Alqueva. In order to accomplish this task, we propose several didactic sequences, letting us read *O que vêς dessa janela?* as well as other water related texts, either from a literate or from an oral tradition. In this way we explore themes such as past / future, memories / discovery / change, fear / adventure / appeal, departure / loss / reconquest.

Keywords: *memory; oral tradition; narrative; reading comprehension.*

¹ Para citar este artículo: Pedro, Maria do Sameiro, Esparteiro, Bárbara y Piedade, Ana (2017). “A água é capaz de engolir muito passado”: um jogo de memórias associado a Alqueva. *Alabe* 15. [www.revistaalabe.com]
DOI: 10.15645/Alabe2017.15.6

Ocupamo-nos de uma narrativa literária sobre um acontecimento da história recente de Portugal destinada aos leitores infantis: a construção da barragem do Alqueva e a deslocalização da aldeia da Luz. Em três partes distintas, ocupar-nos-emos da caracterização do livro *O que vês dessa janela?*, da leitura antropológica e simbólica do sucedido e da apresentação de propostas didáticas sobre esta obra e outras, explorando as vias da formação do intertexto leitor.

1. Efabulação como modo de preservar a memória da tragédia trazida pela água

“Duas aldeias numa mesma história.

Duas aldeias e um nome em comum: Luz.

A Luz antiga desapareceu, submersa pelas águas da barragem.

A Luz nova acolhe os antigos (e novos) habitantes e um museu cheio de histórias.

Dentro do museu há uma janela, uma pequena janela retangular.

Se olharmos através dela, rapidamente chegamos ao lugar da aldeia antiga:

“Era ali, onde está aquele pinheiro manso, conseguem ver?”

O pinheiro está ali há décadas e tudo pode observar:

a vida da antiga Luz, a chegada das máquinas, a mudança para a nova aldeia, a subida das águas.

Teria de chegar o dia em que o pinheiro começaria a contar...”

Esse dia chegou em 2011 pela mão de Isabel Minhós Martins (texto) e Madalena Matoso (ilustrações) – trata-se da obra *O que vês dessa janela?*, uma edição da EDIA / Museu da Luz². Nesta narrativa, o pinheiro conta a uma menina acontecimentos que envolveram os habitantes da aldeia da Luz, nomeadamente o seu bisavô, o seu avô e o seu pai. Deparamo-nos assim com um narrador omnisciente, testemunha privilegiada de acontecimentos que têm subjacente uma escala temporal que não pode ser facilmente abarcada pelo tempo médio de vida de um ser humano. Trata-se de acontecimentos relacionados com a criação de um grande lago, originado pela construção da barragem do Alqueva. Resumidamente, depois de partilhar com a sua interlocutora as circunstâncias pelas quais “a água é capaz de engolir muito passado” (p. 8), o pinheiro lança um repto à menina: “És mulher de arregaçar as mangas?” (p. 9). Esta interlocutora representa todos os que nasceram já na nova Aldeia da Luz, permitindo assim construir uma oposição entre o passado e o futuro, mediado pelo pinheiro que se projeta de um plano temporal para outro: “Isso sei eu porque assisti a tudo. [Tu nunca aqui estiveste, não conheces estas vistas.” (p.8).

² A citação em epígrafe corresponde ao texto da contracapa do livro.

Vejamos em detalhe como se processa este movimento de partilha de uma memória com aquela personagem que simbolicamente é a herdeira de um processo de transformação. A vida da menina e a da árvore desenvolvem-se num percurso ascensional. Por um lado, o pinheiro já adulto narra os acontecimentos passados, lembrando tempos “Ainda antes de eu ser alto como sou hoje, ainda antes de conseguir avistar o rio e, mais tarde, este lago que hoje mais parece um mar” (p. 2), firmando a sua autoridade para tal na circunstância de que “Eu estava aqui e durante muitos anos vi tudo acontecer. Conhecia as pessoas, as suas histórias, os medos que tinham e os planos que faziam para o futuro.” (p. 22). Esta circunstância, aliás, é determinante para o pinheiro se constituir como marca, assinalamento visível, memória futura: “Essa marca sou eu. Mas não sou como uma dessas pedras antigas que se veem pelos montes, caladas e mortas, sem nada para contar.” (p. 22). Atingir este estatuto resulta da sua sobrevivência às circunstâncias do enchimento da albufeira que submergiram a velha aldeia da Luz e o fizeram temer pela sua própria vida: “A água podia ter chegado aqui (não foi por muito, reparaste?). Depois de ter engolido um rio, depois de ter feito desaparecer uma aldeia inteira e tudo o que havia neste lugar, é quase estranho que tenha sido eu o único a ficar de pé.” (p. 22). Por outro lado, o narrador percorre a memória de habitantes da aldeia da Luz ao longo das gerações que sonharam e viram depois concretizada a barragem: “As pessoas daqui sempre sonharam com água, sabias? [O teu bisavô sonhava com água, o teu avô sonhava com água, o teu pai também.” (p. 2).

Todos estes elementos concorrem para construir a complexidade do narrador ‘pinheiro’, personagem-testemunha de acontecimentos trágicos, embora carregados de esperança. O pinheiro não se limita a assistir aos acontecimentos, pois partilha o medo sentido por todos os seres humanos e até pelos animais. Além disso, pelo modo como interpela a sua interlocutora sobre os habitantes da aldeia da Luz, mostra a relação de conhecimento mútuo e frequentemente íntimo que mantém com eles. No que diz respeito ao medo partilhado, afirma o pinheiro: “E vou dizer-te uma coisa – nessa altura, até eu, que sempre estive aqui tão alto e protegido –, tive medo” (p. 4). Em relação a este sentimento, o pinheiro tem uma capacidade de compreensão superior à dos próprios seres humanos: “Porque quando veio a água não foi só a aldeia que se perdeu, sabias? [...] Quando veio a água, foi um mundo que desapareceu. [Por isso, é natural que as pessoas confundam um pouco as coisas: sentem que quando veio a água se foi a vida inteira, o passado todo. Mas, quando a água subiu, muito do seu passado já tinha desaparecido...” (p. 8). Já a manifestação da intimidade com os habitantes da aldeia verifica-se nas seguintes interpelações: “Hás de perguntar-lhe [ao teu pai] se ele se lembra dessa tarde.” (p. 10); “O teu avô ainda é vivo?” (p. 12); “Que é feito do Cabrito? Continua irrequieto?” (p. 19); “Já te disseram como és parecida com a tua avó?” (p. 20).

Como vimos a verificar, a efabulação subjacente a esta narrativa assenta em acontecimentos relacionados com a história recente de Portugal. Durante as décadas que mediaram o surgimento do projeto da barragem do Alqueva e a sua construção e entrada

em funcionamento ocorreram diversos episódios de turbulência política³. Na história narrada pelo pinheiro, como temos vindo a notar, há uma ambivalência entre o desejo e o medo, o sonho e o pesadelo, explorando matizes de sentimentos entre a esperança e a descrença que dão corpo ficcional a episódios inspirados nessas vicissitudes de natureza política. Tal é evidenciado nomeadamente pelos títulos dos capítulos: “Um sonho que ora avança ora recua” (capítulo 2), “O Alqueva era um medo”, “De quem será o futuro que aí vem?” (capítulo 3), “E agora é que é mesmo” (capítulo 8), “Um passo de gigante daqui para ali” (capítulo 9) ou “E a água começou a subir” (capítulo 10). Tais circunstâncias permitem que um percurso de aprendizagem seja realizado⁴. Exponente disto mesmo é a família da menina a quem se dirige o narrador, em particular o seu pai, nomeadamente no episódio que ocorre “no dia em que começaram as terraplanagens” (p. 10): “o teu pai sentou-se aqui até ser quase de noite, a comer pinhões e a olhar, com o gato enroscado aos pés. [...] Não sei que pensamentos lhe iam na cabeça. Só sei que senti nele uma força tão grande – essa força que os novos têm para andar, sabes? – que achei, pela primeira vez, que a água podia trazer algum futuro. A vida dele estava mesmo a começar e ainda hoje me pergunto que planos seriam os seus.” (p. 10). Mais tarde, aquando da mudança para a nova aldeia, regista o pinheiro novo comportamento virado para o futuro do pai da menina: “A tua avó, depois de varrer tudo bem varrido como se usa aqui no Alentejo, fechou a porta e sentou-se à soleira, à espera do teu avô que nesse dia mal falava. O teu pai, eu não o vi, mas parece que andava aí a ajudar uns tios (ou então estava escondido nalgum canto a namorar com a tua mãe...)” (p. 16). Todos estes elementos contribuem para legitimar a menina como a interlocutora mais adequada para o pinheiro, testemunha do passado, a partir já de um tempo futuro, isto é, olhando o passado com o olhar de quem já nasceu na nova Luz e não tem memória experiencial da velha Luz: “O tempo não para e há coisas que não podem esperar.” (p. 16), sendo herdeira dos seus ascendentes familiares e da sua comunidade: “Porque as mudanças – sempre se ouviu dizer por estas bandas – também podem trazer oportunidades.” (p. 14).

As mudanças, com efeito, envolvem património edificado, bens materiais e, pela perspetiva do nosso narrador, uma experiência subjetiva de memórias e de afetos que definem cada indivíduo e a comunidade a que pertencem. Nesta linha, é relatada a primeira mudança de um espaço a outro dos habitantes já mortos, acompanhada depois da mudan-

³ Uma resenha histórica deste processo, iniciado em 1968 e concluído já na segunda década do século XXI, pode ser consultada em https://pt.wikipedia.org/wiki/Barragem_de_Alqueva (acedido a 21.11.2015). Complementarmente, o tratamento de questões relacionadas com a história recente de Portugal encontra como referência principal o ensaio de Blockeel (2001).

⁴ Uma linha de sentido interessante é a da possibilidade de conferir a esta narrativa as características de uma lenda com orientação identitária, tal como defende Eloy Martos Nuñez (2006, pp. 53-68). Com efeito, a elaboração desta narrativa supôs a consulta de um estudo antropológico, assim como um documentário, ambos editados pela EDIA / Museu da Luz, de acordo com as indicações das autoras na ficha técnica do livro; assim, pela mão de Isabel Minhós Martins, chegam a esta narrativa relatos e vozes várias, o que pode configurar a possibilidade de serem “discursos plenamente contextualizados, que buscan comunicar experiencias de la comunidad (*interexperiencialidad*), porque en ellos prima la vinculación a unos lugares, enclaves naturales, personas o acontecimientos que forman parte de la memoria colectiva. Por tanto, la leyenda tiene una orientación “identitaria” de la que carece el cuento.” (p. 61).

ça dos vivos: “Os primeiros a mudar-se foram os mortos, com a trasladação do cemitério para a nova aldeia. [...] Depois começaram as mudanças dos vivos e [...] houve aí dias bem tristes.” (p. 16). O relato da mudança de espaço evidencia como esta significa morte no prenúncio de uma nova vida. Por isso encontramos até referências, na breve narrativa encaixada “história dos gatos” (p. 18), à “alma da Luz”: “Os gatos, como as galinhas, como os coelhos, como as pessoas... também se mudaram para a nova aldeia. E, como seria de esperar, estranharam os novos quintais e muitas vezes se perderam por aí, sem saber a que casa voltar. Quase sempre os donos os vieram encontrar do lado de cá, junto às antigas casas, esperando que alguém lhes abrisse a porta. Ora isto fez muita impressão a algumas pessoas que diziam que a alma da Luz tinha aqui ficado e que, por isso, os gatos voltavam também.” (p. 19). Como o narrador afirma, “Há coisas [...] que nenhum arquiteto ou engenheiro consegue transportar. Podem lá estar as paredes e o chão, mas falta o fresco da despensa, o negro da lareira, o nicho onde se pousa a talha das azeitonas ou os pêssegos que se apanham, num salto, na sombra do quintal.” (p. 14). Daquilo que fisicamente constitui a velha aldeia da Luz, apenas a igreja mudou de facto de espaço, já que tudo o resto foi derrubado: “As máquinas desceram à velha Luz. Primeiro para levar as pedras mais importantes da antiga igreja, depois para derrubar as paredes das casas.” (p. 20). A vida no novo espaço, aliás, surge associada a um ato público e formal de inauguração da nova aldeia, que inclui uma manifestação religiosa de despedida da velha: “Já depois da inauguração oficial da nova Luz, depois da Procissão do Adeus, depois de começarem as aulas na escola nova, ainda os luzenses andavam por aqui.” (p. 18). O conhecimento das diversas experiências subjetivas do processo de separação da velha aldeia leva o pinheiro a concluir, quando reflete sobre o arrasamento da velha aldeia: “Já chegava toda a história que tínhamos para trás, não precisávamos de um fantasma a perseguir-nos.” (p. 20). Assim surgem os “olhos novos” (p. 20) a que já nos referimos, característica do futuro simbolizado pela menina.

Como vemos, o pinheiro é a testemunha de todos os acontecimentos, o único que sobreviveu imóvel às radicais mudanças que envolveram a Luz. A partir do seu estatuto privilegiado, percebemos a confiança que tem no futuro. Fazendo uma ponte de décadas, afirma, mesmo no final da narrativa: “Os mais antigos sonhavam com isto. Pensavam que tanta água mudaria o futuro. Agora vamos ver o que faremos com este lago imenso. [És mulher de arregaçar mangas? Prometes que voltas para me contar como está tudo a andar?” (p. 23). Voltamos assim à pergunta que destacámos no início – o testemunho foi passado, resta saber o que fará a sua depositária com ele. Isso quer conhecer o pinheiro... e cada um de nós. Tal desejo consiste naquilo que nos irá ocupar de seguida: a partir de uma leitura simbólica e antropológica do sucedido, apresentaremos propostas de interpeleção dos meninos e meninas da Luz e de outros mais, procurando conhecer como arregaçam as suas mangas e mudam o futuro.

2. Leitura simbólica e antropológica do sucedido

A teia que o tempo tece e o modo como é recordado pelos humanos constitui um importante aspeto cultural das comunidades e está subjacente a fenómenos rituais e mitológicos, definindo divindades e antepassados guardiães dos espaços habitados pelas pessoas. O presente, projetado no futuro que representa a perenidade das comunidades, constrói-se por entre as memórias do passado. No texto em análise, o pinheiro aproxima-se desta ideia de antepassado vigilante que protege o velho e o novo lugar da Luz e os seus habitantes, partilhando com eles medos, esperanças e futuros.

Há nas sociedades ditas desenvolvidas, a tendência para considerar que os povos das sociedades arcaicas pensam o mundo à escala cosmogónica e, portanto, o encaram como um modelo sagrado que deve ser anualmente renovado para poder continuar a existir. Deste modo, ele renovar-se-ia de acordo com uma cosmogonia ou um mito de origem. Estas sociedades, as nossas sociedades, esquecem-se, muitas vezes, de olhar para dentro de si próprias e falta-lhes, não raramente, uma perspetiva de análise relativamente aos rituais que as mantêm e que nelas se mantêm, ainda hoje. Omitem, nas suas recordações, o papel desempenhado pela memória e pelas memórias, esquecendo-se ou ignorando que a memória se constitui como o conhecimento por excelência, já que todos aqueles que são capazes de recordar, possuem “uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que conhece a origem das coisas” (Eliade, s.d). De facto é pela recordação e pela memória que é possível referenciar tanto os acontecimentos míticos como os acontecimentos históricos que enformam as sociedades e as culturas do presente, tornando a humanidade naquilo que é.

Os humanos, e os agregados que eles constroem, têm a aspiração de tornar o tempo eterno, apropriando-o e projetando-se nele, de tal modo que nunca morram. Isto é, embora morram cada morte, seja ela “matada” (execução, combate, assassínio, sacrifício) ou “morrída” (devida a causas naturais), há um renascimento simbólico, culturalmente manifesto e apropriado pelos elementos de uma comunidade ou sociedade. A velha Luz era já diferente do que havia sido, estava mudada e a “morrer” face ao que havia sido no passado – as profissões dos homens eram já diferentes, as crianças eram menos, os novos saíam em busca de vida melhor. A velha Luz, seria, portanto, mais uma de muitas aldeias alentejanas “de fim de mundo” a desertificar-se sem glória. Eis que surge o projeto Alqueva e um fim anunciado; uma cota elevada da barragem que tudo alagaria e a aldeia torna-se um sacrifício coletivo dos seus habitantes – vivos e mortos – e por causa desta “morte ritual” replica-se num espaço novo; cristalizam-se no tempo as memórias de si e musealizam-se e patrimonializam-se práticas culturais quase desaparecidas. Nas paredes do museu que se ergueu, abre-se uma janela de onde o futuro se espraia e o passado se (pres)ente, visto sobretudo pelos olhos das crianças da Nova Luz.

Se os mais novos foram os primeiros vivos a ser mudados – o novo ano escolar iniciou-se na Nova Luz ainda antes de a Velha ter sido inundada, pelo que as famílias com filhos em idade escolar se mudaram mais cedo – os “guardiães/antepassados” ocuparam

o espaço primeiro. “Os primeiros a mudar-se foram os mortos, com a transladação do cemitério para a nova aldeia (p.16)”. São eles que inauguram a nova aldeia da Luz, apropriando-se simbolicamente do espaço e legitimando-o como espaço dos vivos e unindo a comunidade – “E por isso, ao contrário do que se pensava, o teu bisavô também acabou por se mudar (p.16)”. De facto, os defuntos são trasladados para o novo cemitério, réplica do antigo (com as mesmas lápides e a mesma disposição relativa das campas), estabelecendo para o mundo dos mortos regras idênticas ao dos vivos. A este facto não será estranha a capacidade atribuída ao defunto em alguns contextos de, em função do passado (memória do que foi), perspetivar o futuro (projetar o que será), permitindo manipular o presente e fazer de divindade, isto é, estabelecer regras ocultas que regem a vida dos comuns humanos. Estas “divindades” fazem uma performance/representação simultaneamente de seres superiores e de administradores/provedores da sorte/azar que os coloca como oficiantes poderosos e conscientes de um ato de encarnação/desafio que lhes confere uma qualidade de “quase deuses” e “quase não humanos”, não sendo nenhuma das duas. Simbolizam, ao mesmo tempo, a união completa e total de uma aldeia que, em tempos de crise existencial, tem que ficar unida combatendo a potencial anomia social que poderia gerar-se. Assim ninguém ficou para trás. Nem os gatos, os cães, as galinhas ou os vasos de flores que os proprietários exigiram que seguissem para a nova aldeia. Como se refere na obra em análise, “depois, começaram as mudanças dos vivos e, não posso dizer-te outra coisa, houve aí dias bem tristes. Ver os camiões partir com os móveis, as louças, as galinhas e as coelheiras (p.16).”

As festas são abordadas na obra em análise, remetendo o leitor para a interação entre os habitantes, para a sua relação com a própria toponímia do lugar e uma vez mais remetendo para o sagrado e para o rito. O contacto entre gerações que permitem a transmissão de uma memória social de grupo e de lugar é fundamental. Pretende-se o retorno e a procura do tempo perdido, do tempo mágico que originou as coisas conhecidas e esconde nas suas brumas aquilo de que só os antepassados se lembrariam. A festa/rito emana sacralidade e tem o poder de transformação temporária do mundo, uma função de retorno. Representa, por isso, o regresso a um certo paraíso perdido, mas um regresso criador e não estático, por via da possibilidade do improvisado. É um regresso que, remetendo para o passado, o recria e atualiza, perenizando-o em termos futuros - um regresso dinâmico, repleto dos significados atuais, interpretado, reinterpretado e transfigurado.

A festa ritual é muito mais que o presente. É corte, hiato que faz a realidade correr em dois sentidos opostos e complementares – o “antes”, passado, e o “depois”, futuro. O sentido da festa ritual é brincar com a grandeza do próprio tempo, fazendo crer ao tempo e aos tempos a existências de Cronos, o Tempo absoluto, eterno e sagrado. Organiza-se, transgredindo, na medida em que, como Bataille (1968) vem afirmar, “a transgressão é o princípio de uma desordem organizada”, visível no sagrado que une os contrários.

A despedida faz-se aos poucos. “Já depois da inauguração oficial da nova Luz (...) ainda os luzenses andavam por aqui” (p.17). Já se fez a mudança mas volta-se uma e outra vez para olhar os campos, visitar as casas, apanhar os frutos que amadureceram nas árvo-

res, antes que a água engula tudo. E as casas que se abandonam forçadamente são deixadas imaculadas, limpas. “A tua avó, depois de varrer tudo bem varrido como se usa aqui no Alentejo, fechou a porta e sentou-se à soleira, à espera do teu avô (...) (p.16)”. Quer isto dizer que tais práticas pretendem, de um modo automático, estabelecer uma continuidade relativamente ao passado – de preferência, a um passado histórico apropriado, que não precisa, sequer, de ser remoto. Fazem-no, por vezes, de um modo bastante artificial, pois embora sendo reações a novas situações, vão assumir a forma de referência a situações históricas anteriores. Como refere o pinheiro, “(...) fui percebendo que era preciso uma marca onde fosse possível apontar e dizer ‘Ali, era mesmo ali!’. Essa marca sou eu. Mas não sou como uma dessas pedras antigas (...) caladas e mortas, sem nada que contar (p.22)”. O pinheiro conheceu o tempo que passou pelo lugar e as pessoas que o habitaram. Tem memória e reivindica o direito e o dever de falar do que conheceu e vir a conhecer o que acontecerá. Para isso conta com a visita e as confissões dos mais novos. Quer notícias do presente e do futuro. Transmite o sonho dos mais velhos “os mais antigos sonhavam com isto (p.23) e incita os mais novos a concretizá-lo “és mulher de arregaçar as mangas? (p.23)”.

3. Propostas de leitura/intervenção

Ao consideramos a água como bem fundamental para a subsistência da vida no nosso planeta, elegemo-la como elemento congregador desta proposta que privilegia a disciplina de Português. Porém, também se reconhece que o tema água faculta um conhecimento transdisciplinar, que veicula o enlaçar didático de diferentes disciplinas, facilitador de emergentes projetos multidisciplinares.

Na lógica de formação de leitores, e assumindo que o leitor lê o mundo segundo as suas vivências e a sua capacidade de construir e partilhar memórias, partimos do livro *O que vês dessa janela?*, de Martins (2011); tomámos a narrativa sobre a história recente da Aldeia da Luz para desenhar um conjunto de atividades que envolvem textos do livro e outros textos relacionados com a temática, quer de tradição oral, quer de autor.

As atividades que oferecemos destinam-se a crianças desde a educação pré-escolar a alunos dos três ciclos do ensino básico. Algumas das atividades sugeridas, pelo seu cariz didático mais eclético, adaptam-se a diferentes anos de escolaridade e enquadram-se nos objetivos definidos no *Programa e Metas de Português do Ensino Básico*, por Buescu et al. (2015). Assim, selecionaram-se alguns dos objetivos que sustentam, na generalidade, as sugestões de atividades que propomos:

- *Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.*
- *Compreender as diferentes intencionalidades comunicativas nas situações de oralidade e saber utilizá-las criticamente, não só no quotidiano como na produção*

de discursos em contextos formais, designadamente discursos de apresentação e discursos de argumentação.

- *Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas.*
- *Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.*
- *Desenvolver a capacidade de adequar formas de escrita a diferentes situações de comunicação e em contextos específicos, fazendo uso reflexivo das diversas modalidades que asseguram um adequado desenvolvimento textual, temático e discursivo, com progressiva consolidação do domínio dos géneros escolares nomeadamente a exposição e a argumentação.*
- *Produzir textos escritos de diferentes categorias e géneros, conhecendo e mobilizando as diferentes etapas da produção textual: planificação, textualização e revisão.* (Buescu, 2015: 5)

A flexibilidade que tomamos como pedra de toque destas propostas não deixa, no entanto, de considerar como fundamentais alguns elementos subjacentes ao seu desenho. Em primeiro lugar, é elemento transversal a todas elas o objetivo de desenvolver o intertexto leitor (Fillola, 2006), promovendo a educação literária e a experiência leitora de modo contextualizado, em particular na história recente da comunidade em que o leitores estão inseridos. Neste âmbito, propõem-se atividades de alcance diversificado, assumindo como relevante a tipologia de atividades proposta por Poslaniec (2005).

Em segundo lugar, a operacionalização de cada atividade deve assumir como fundamental a promoção da compreensão leitora, em todos os seus níveis, não só no que respeita à compreensão literal e à reorganização, mas também às compreensões inferencial e crítica (Català et al., 2007: 16-18), bem como a metacompreensão leitora, na perspectiva de Viana (2010) e Ribeiro (2010). Assim sendo, cada atividade deverá promover estratégias de leitura adequadas, compreendendo: um momento anterior à leitura indispensável à ativação dos conhecimentos prévios; um momento de leitura do texto propício à resolução de problemas através de estratégias de metacompreensão; e um terceiro momento, após a leitura do texto, particularmente favorável à compreensão inferencial e, sobretudo, à compreensão crítica (Solé, 2006).

Finalmente, assumimos também o facto de todas as atividades aqui apresentadas, serem de “banda larga” e, por tal motivo, serem em geral passíveis de se adaptar a diferentes públicos e a diferentes contextos, não apresentando uma sequência didática obrigatória. Vejamos em que consistem:

ATIVIDADE I	À janela eu vejo...	
Destinatários	Alunos de qualquer ano de escolaridade	
Objetivos	Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos. Compreender as diferentes intencionalidades comunicativas nas situações de oralidade e saber utilizá-las criticamente, não só no quotidiano como na produção de discursos em contextos formais, designadamente discursos de apresentação e discursos de argumentação.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011)	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	Apresentação de uma “janela” (cartão, projeção,...). Brainstorming – o que se pode ver desta janela, <i>de dentro para fora e fora para dentro...</i> Discussão e organização das ideias.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações		A discussão será mais ou menos aprofundada, consoante a faixa etária.

ATIVIDADE 2	Da minha janela eu vejo mundo...	
Destinatários	Alunos de qualquer ano de escolaridade	
Objetivos	<p>Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.</p> <p>Compreender diferentes intencionalidades comunicativas nas situações de oralidade e saber utilizá-las criticamente, não só no quotidiano como na produção de discursos em contextos formais, (...) de apresentação e discursos de argumentação.</p> <p>Desenvolver a capacidade de adequar formas de escrita a diferentes situações de comunicação e em contextos específicos, fazendo uso reflexivo das diversas modalidades que asseguram um adequado desenvolvimento textual, temático e discursivo, com progressiva consolidação do domínio dos géneros escolares nomeadamente a exposição e a argumentação.</p> <p>Produzir textos escritos de diferentes categorias e géneros, conhecendo e mobilizando as diferentes etapas da produção textual: planificação, textualização e revisão.</p>	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Telemóvel com câmara/tablet/computador	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<p>Da minha janela eu vejo mundo...</p> <p>o Que mundo vejo da minha janela?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que quero lembrar... • O que quero compreender, perceber,... • O que quero que aconteça... <p>Registo de imagens, vídeos, escrita de textos,... através e telemóvel, tablet, computador... (trabalho de recolha)</p> <p>Recolha, junto de familiares, de fotos e histórias que documentem as histórias de vida.</p>
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações	Atividade a adequar à faixa etária.	

ATIVIDADE 3	<i>O fio do tempo</i>	
Destinatários	Alunos de qualquer ano de escolaridade	
Objetivos	Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade. Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Telemóvel com câmara/tablet/computador	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	Elaborada a recolha, junto de familiares, de fotos e registos que documentem as histórias de vida (ver atividade 2), elaborar: <ul style="list-style-type: none"> • Análise dos documentos e registos dos aspetos mais importantes, para cada aluno, e sua colocação nas caixas das memórias e dos desejos. • Partilha de diferentes materiais trazidos – vídeos, fotos, leitura de textos, orientados na lógica PASSADO/PRESENTE/FUTURO.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações	Tarefas a adequar segundo a faixa etária dos alunos.	

ATIVIDADE 4	<i>O que vês dessa janela?</i>	
Destinatários	Alunos de qualquer ano de escolaridade	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011)	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<p>Leitura <i>O que vês dessa janela?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos paratextuais do livro <i>O que vês dessa janela?</i> • Início da leitura comentada do livro coletivamente, por professores e alunos • Terminar a leitura do livro individualmente, após a conclusão da sessão.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações		Recomenda-se a ativação do conhecimento prévio sobre o tema e/ou o seu enquadramento com vista à eficaz compreensão da narrativa. Durante a leitura, mediador e alunos socorrer-se-ão de estratégias de metacompreensão leitora.

ATIVIDADE 5	<i>Um passo de gigante: daqui para ali</i>					
Destinatários	Alunos de qualquer ano de escolaridade (4º ao 9º ano)					
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.					
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)					
Materiais	Martins e Matoso (2011)					
Duração	1 sessão					
Descrição da atividade	Desenvolvimento	Roteiro de leitura com o objetivo de identificar conteúdos dominantes em cada capítulo:				
		Acontecimento objetivo	Projeto da barragem	Construção da barragem	Enchimento da albufeira	Mudança para a nova Luz
		Manifestação subjetiva	Rumores Sonhos Desassossego Medo da mudança	Incómodo com máquinas, trabalhadores e turistas Esperança	Medo Perda angústia Morte Esperança	Saudade Oportunidade de Futuro
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).				
Observações	A adequar segundo a faixa etária dos alunos.					

ATIVIDADE 6	<i>O mundo inteiro veio aqui parar</i>	
Destinatários	Alunos do 3º do ensino básico	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Gomes (2002)	
Duração	2 Sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • A partir do capítulo “O mundo inteiro veio para à Luz” de O que vês dessa janela?, proposta da leitura de excertos de Esteiros, de Soeiro Pereira Gomes (capítulo 2 da secção “Inverno”), relativos a duas perspetivas antagónicas na observação dos efeitos de mudanças na paisagem humana: a construção da Luz e uma cheia em Alhandra, no estuário do rio Tejo. • Enumeração dos elementos descritivos das consequências da cheia. • Identificação dos visitantes que observam as consequências das cheias e sistematização dos seus comentários. • Identificação dos habitantes da vila que observam as consequências das cheias e sistematização dos seus comentários. • Exploração de dicotomias tais como sofrimento / insensibilidade, atenção aos bens materiais / atenção às pessoas, oportunidades de enriquecimento / agudização da pobreza. • Reflexão sobre a importância da criação literária na preservação da memória pessoal e coletiva.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações		

ATIVIDADE 7	A barca virou	
Destinatários	EPE 1º e 2º anos EB	
Objetivos	Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Gomes (2002)	
Duração	1 Sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<p>Análise e compreensão da canção (Soares, 1998). Jogo - A Barca virou (Jogo de roda, cantado. Todos cantam andando de mãos dadas) A barca virou./Deixá-la virar./Foi por causa do(a) A.../ Que não soube remar. (O/A nomeado/a vira-se de costas, continuando a rodar com os outros, de mãos dadas) A barca virou./Deixá-la virar./Foi por causa do(a) A.../ Que não soube remar. (Quando todos já mudaram de posição, cantam:) Se eu fosse peixinho/E soubesse nadar,/Tirava o/a A.../ Lá do fundo do mar. (Continua-se até todos estarem de volta à posição inicial)</p>
	Avaliação	Saber ouvir, compreender, reproduzir e participar no jogo.
Observações		

ATIVIDADE 8	<i>Barco parado, não faz viagem</i>	
Destinatários	Alunos de 3º e 4º anos de EB	
Objetivos	Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Soares (1998)	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	Existem sete provérbios (Soares, 1998), cada um dividido em duas partes. Os provérbios estão misturados. Os alunos, a pares, deverão encontrar as duas partes do provérbio, completá-lo e discutir o seu significado. Provérbios: “Barco parado, não faz viagem.” “Gota a gota, o mar se esgota.” “Lua nova deitada, marinheiro em pé.” “Se queres aprender a orar, entra no mar.” “Se entra por terra a gaivota, é o temporal que a enxota.” “Quem vai para o mar, avia-se em terra.
	Avaliação	Capacidade de completar o provérbio e seu grau compreensão.
Observações	Atividade que pode ser continuada com outros provérbios temáticos.	

ATIVIDADE 9	<i>Pranto do Adeus</i>	
Destinatários	Alunos do 4º ao 9º ano	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Letria (2002), Farias (2006)	
Duração	3 Sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Supondo que a leitura do livro <i>O que vês dessa janela?</i> está concluída, proposta da leitura do texto “Adeus Aldeia da Luz”, do poeta popular luzense João Chilrito Farias. • Construção de um mapa semântico relativo ao longo pranto de adeus que o poema realiza, organizando informações relativas a locais e referências toponímicas, assim como a sentimentos. • Explorando relações de antonímia, construir um <i>hino de saudação</i> da nova Aldeia da Luz, de acordo com o ponto de vista do aluno. • Considerar outras situações de despedida e de medo perante uma vida nova: leitura complementar de episódios de <i>Os Lusíadas</i> (‘despedidas em Belém’, ‘Velho do Restelo’ e ‘Adamastor’) e de “O Mostrengo” da <i>Mensagem</i> de Fernando Pessoa. Identificar nestes textos acontecimentos e sentimentos.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações	Outros textos poderão ser aduzidos à última etapa do desenvolvimento.	

ATIVIDADE 10	Quando veio a água foi um mundo que desapareceu	
Destinatários	Alunos do 4º ao 6º ano de EB	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Letria (2002), Farias (2006)	
Duração	3 Sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Supondo que a leitura do livro <i>O que vês dessa janela?</i> está concluída, proposta da leitura do texto <i>Mouschi, o gato de Anne Frank</i>, narrativa da autoria de José Jorge Letria. • Identificação das características do protagonista, o gato Mouschi, testemunha da vida da personagem Anne Frank no esconderijo onde escreveu o seu diário. • Sistematização do encadeamento de acontecimentos nesta narrativa. • Estabelecimento de analogias entre a mudança forçada e abrupta na vida dos luzenses e na vida de Anne Frank, nesta efabulação sobre a história verídica desta vítima do holocausto nazi. • Proposta complementar de leitura de “Uma mudança indesejada” (p. 46), do poeta popular João Chilrito Farias, explorando a ideia <i>Deixar para toda a vida/A terra onde foi criado</i>, correspondente aos dois versos finais da quadra que serve de mote à décima. Comparar a situação recriada nas duas narrativas. • Reflexão sobre a importância da criação literária na preservação da memória pessoal e coletiva.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações	Complementarmente ao poema “Adeus Aldeia da Luz”, podem também ser explorados os poemas “A triste hora vai chegar” (p. 32) e “A velha aldeia que se despede dos seus filhos” (pp. 44-45).	

ATIVIDADE II	Na minha terra	
Destinatários	Alunos do 3º ciclo	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidade gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011)	
Duração	3 sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Supondo que a leitura do livro <i>O que vês dessa janela?</i> está concluída, proposta da releitura do capítulo “Casas novas, casas velhas” (p. [14]), a fim de identificar os elementos que desenvolvem o tema da saudade. • Proposta a alunos provenientes de outros países de partilha das suas histórias de vida, ou dos seus pais ou familiares. Partilha de memórias mais ou menos traumáticas, alegres, cómicas ou noutros registos. Respeito pelo desejo de não partilhar que alguns dos interpelados podem manifestar. • Proposta da criação de um álbum sobre essas memórias, incluindo fotografias, objetos, recortes de jornal ou outros elementos, sempre acompanhados de textos produzidos pelos próprios. São particularmente adequados os textos narrativos, os textos dramáticos e os líricos. • Reflexão sobre a importância da criação literária na preservação da memória pessoal.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias; adequação e qualidade dos textos produzidos).
Observações	Para fundamentar a abordagem, pode ser consultado o ensaio de Padrino (2006: 113-126).	

ATIVIDADE 12	<i>Era uma vez</i>	
Destinatários	Educação pré-escolar	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidades gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Oralidade (O)	
Materiais	Soares (1998:33)	
Duração	1 sessão	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> Supondo que os meninos da Luz gostam de brincar e contar histórias, convite à recitação de cor, da seguinte lengalenga, à semelhança de eventuais brincadeiras dos meninos luzenses: <i>Era uma vez/um barquinho pequenino/que andava/sempre/ sempre/a navegar./Passaram-se uma, duas,/três, quatro,/cinco, seis,/sete, oito,/nove, dez,/semanas (bis)// E o barquinho/ sempre sempre/ a navegar./Se esta história/the parece muito curta/poderemos/recomeçar:/Era uma vez/ um barquinho pequenino/...../Etc., etc.</i>
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; colocação de voz; dicção).
Observações	Recolha oral	

ATIVIDADE 13	Casas novas, casas velhas	
Destinatários	Alunos do 5º, 6º e 7º anos de EB	
Objetivos	Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidades gradualmente mais complexas. Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade.	
Conteúdos	Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Martins e Matoso (2011), Araújo (2010)	
Duração	3 sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Supondo que a leitura do livro <i>O que vês dessa janela?</i> está concluída, proposta da releitura do capítulo “Casas novas, casas velhas” (p. [14]), a fim de identificar os elementos que desenvolvem o tema da saudade.. • Proposta da leitura de dois textos que evocam a saudade, pois transportam o leitor para a sua infância, pela memória do tempo em que eram bebés ou brincavam com brinquedos da sua eleição: “História do Senhor Mar” (p. 10) e “Cavalinho” (p. 18). Identificação de metáforas, repetições, pequenos diálogos. • Proposta da criação de um poema sobre o brinquedo de infância preferido, incluindo obrigatoriamente os versos “Cavalinho, cavalinho / Por que não cresces comigo?”. • Declamação dos poemas. • Reflexão sobre a importância da criação literária na preservação da memória pessoal.
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações		

Anexo

História do Senhor Mar

Deixa contar...

Era uma vez

O Senhor Mar

Com uma onda...

Com muita onda...

E depois?

E depois...

Ondinha vai...

Ondinha vem...

Ondinha vai...

Ondinha vem...

E depois...

A menina adormeceu

Nos braços da sua Mãe...

Cavalinho, cavalinho

Cavalinho, cavalinho

Que baloiça e nunca tomba;

Ao montar meu cavalinho

Voo mais do que uma pomba!

Cavalinho, cavalinho,

De madeira mal pintada:

Ao montar meu cavalinho

As nuvens são minha estrada!

Cavalinho, cavalinho

Que meu pai me ofereceu:

Ao montar meu cavalinho

Toco as estrelas do céu!

Cavalinho, cavalinho

Já chegam meus pés ao chão:

Ao montar meu cavalinho

Que triste meu coração!...

Cavalinho, cavalinho

Passou tempo sem medida:

Tu continuaste baixinho

E eu tornei-me tão crescida.

Cavalinho, cavalinho

Por que não cresces comigo?

Que tristeza, cavalinho,

Que saudades, meu Amigo!

ATIVIDADE 14	O grande lago - Alqueva	
Destinatários	Alunos do 4º ao 9º ano de escolaridade (ensino básico)	
Objetivos	Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos. Compreender as diferentes intencionalidades comunicativas nas situações de oralidade e saber utilizá-las criticamente, não só no quotidiano como na produção de discursos em contextos formais, designadamente discursos de apresentação e discursos de argumentação.	
Conteúdos	Oralidade (O) • Leitura e Escrita (LE) • Educação Literária (EL)	
Materiais	Farias (2006), Martins e Matoso (2011), OMFilmes (2008/09/17)	
Duração	3 Sessões	
Descrição da atividade	Desenvolvimento	<p>A leitura do livro <i>O que vês dessa janela?</i> lembra a velha Aldeia da Luz mas, também, nos transporta para a nova Aldeia. Assim, propõe-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visualização do vídeo ALQUEVA OURO SOBRE AZUL (disponível em <http://www.youtube.com/> • Registo das ideias-chave. • Construção de um mapa semântico relativo ao vídeo, organizando informação relativa a locais e referências empreendedoras que o Grande Lago perspetiva. • Discussão dos diferentes aspetos recolhidos e organização de um roteiro de oportunidades sobre a nova Aldeia da Luz, sob o ponto de vista dos alunos. <p>o Consultar sítios em linha para aprender a fazer Roteiros, como http://sundaycooks.com/2015/05/18/como-fazer-roteiros-de-viagem-com-o-google-maps/</p>
	Avaliação	Grelha de Avaliação (participação; pontos de vista; retoma do assunto; justificação de opiniões, atitudes e opções; informação pertinente; resumo de ideias).
Observações		Adequação do vídeo para os alunos de cada ano de escolaridade. Atividade que propicia a transdisciplinaridade e o consequente trabalho de projeto.

4. Conclusão

Este trabalho foi elaborado a partir de *O que vês dessa janela?* e conduziu-nos por caminhos literários previstos e inesperados. Deixa-nos o desejo de vê-lo habitado por alunos e professores que lhe deem corpo e façam passar a uma nova etapa de conhecimento, a partir da realização de um possível projeto histórica e geograficamente situado. Em suma, este é o princípio de um percurso formativo que estamos a construir com o Agrupamento de Escolas de Mourão, no âmbito das linhas de ação da Rede Internacional de Universidades Leitoras no Instituto Politécnico de Beja.

Referências bibliográficas

- Araújo, M.R. (2010). *O Livro da Tila*. Lisboa: Editorial Caminho
- Bataille, G. (1968). *O Erotismo*. Lisboa: Moraes Editores
- Blockeel, F. (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho
- Buescu, H.C. et al. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcepb_julho_2015.pdf
- Català, G. et al. (2007). *Evaluación de la comprensión lectora*. Barcelona: Editorial Graó
- Eliade, M. (s.d.). *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*. Lisboa: Livros do Brasil
- Farias, J.C. (2006). *Chamam-me Poeta e Artesão porque faço versos e cadeiras*. Luz: Edição de Autor
- Fillola, A. M. (2001). *El Intertexto Lector. El espacio de encuentro de las aportaciones del texto com las del lector*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha
- Gomes, S.P. (2002). *Esteiros*. Porto: Edições ASA
- Letria, J.J. (2002). *Mouschi, o gato de Anne Frank*. Porto: ASA
- Martins, I. M. e Matoso, M. (2011). *O que vês dessa janela?*. S.l.: EDIA/Museu da Luz
- Nuñez, E.M. (2006). Mitología, literatura y nuevas tectecnologias. In T.M.K. Rösing & M. Rettenmaier (Org.), *Lectura, literatura y conciencia intercultural* (pp. 53-68). Passo Fundo: UPF Editora Filmes do Outro Mundo (2008/09/17), “Alqueva Ouro sobre Azul”, obtido em <https://www.youtube.com/watch?v=YCSFz2PVZ9Y>
- Padrino, J.G. (2006). La literatura infantil y el desarrollo de una conciencia intercultural. In T.M.K. Rösing & M. Rettenmaier (Org.), *Lectura, literatura y conciencia intercultural* (pp. 113-126). Passo Fundo: UPF Editora
- Pessoa, F. (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira. Recuperado de: <http://purl.pt/13966>

- Pimpão, A. J. (2000). *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Lisboa: Instituto Camões. Recuperado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/literatura-1/182-os-lusiadas/file.html>
- Poslaniec, C. (2005). *Incentivar o prazer de ler. Actividades de leitura para jovens*. Porto: Edições ASA
- Ribeiro, I.S. et al. (2010). *Compreensão da leitura: dos modelos teóricos ao ensino explícito: um programa de intervenção para o 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Coimbra: Almedina
- Soares, M.I.M. (org.). (1998). *O Mar na cultura portuguesa*. Lisboa: Terramar
- Solé, I. (2006). *Estrategias de Lectura*. Barcelona: ICE de la Universitat de Barcelona/Editorial Graó
- Viana, F.L. et al. (2010). *O ensino da compreensão leitora: da teoria à prática pedagógica: um programa de intervenção para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Coimbra: Almedina